

Perspectivas espaciais sobre a construção do imaginário de medo em bairros periféricos de Belém do Pará (1950-1980)

Rudá Silva de Pinho

Mestrando em Antropologia Social
Universidade Federal do Rio Grande do Norte
frias.ruda@gmail.com

RESUMO

Em Belém do Pará, a partir da década de 1950, com o Plano de Valorização Econômica da Amazônia, e da década seguinte, com o Modelo de Crescimento Desequilibrado Corrigido, houve um intenso fluxo migratório a partir do interior do estado e, dessa forma, uma grande ocupação de áreas periféricas da cidade. No campo das mentalidades, percebe-se que os moradores de Belém se atrelavam ainda às lendas e mitos. Este artigo objetiva analisar a construção dessas lendas em bairros periféricos de Belém, buscando fundamentos e hipóteses na memória e na paisagem, entendendo como os moradores dessas áreas experienciam a espacialidade local e projetam-na na mentalidade. Para isto, utilizaremos fontes primárias, como entrevistas realizadas com moradores de bairros periféricos da cidade e reportagens dos jornais *A Província do Pará* e *Diário do Pará*, e secundárias, como a literatura produzida no período (crônicas, livros de lendas) e estudos sobre o folclore amazônico.

Palavras-chave: Memórias; Antropologia e História; Espacialidades; Lendas; Imaginário.

Introdução

Às margens da baía do Guajará, na região norte do país, a cidade de Belém esteve, por anos, afastada, por vezes isolada do centro do governo imperial, no século XIX. Todavia, apesar da grande distância que separava Belém do centro e do sul, o contato da aristocracia da cidade com os ideais europeus de modernidade e de vivências era comum. As vestimentas de grande parte da população, bem como a construção de bulevares pela cidade, margeados de mangueiras – trazidas da Índia – visavam tornar a cidade mais importante da província do Pará um espaço europeizado dentro da região amazônica, daí a cunha de Belém ter sido, por décadas, conhecida como a Paris n'América. A

economia urbana aflorou muito durante os últimos anos do Império com o início da extração do látex de latifúndios da elite belenense (SARGES, 2010).

Muitos migrantes, principalmente do nordeste brasileiro, fixaram-se no Pará, iniciando então o primeiro ciclo da borracha, cujo momento de maior elevação nas transformações urbanas concentra-se entre os anos de 1897 e 1911 – período do governo da cidade de Belém pelo então Intendente Antônio José de Lemos –, o que alavancou a economia da capital e tornou possível a difusão de obras pela cidade ao estilo parisiense¹. Muitos espaços públicos para entretenimento foram criados nessa época, como o cinema Olympia, o Theatro da Paz, a praça Batista Campos e o Palácio para abrigar a prefeitura da cidade, atualmente Palácio Antônio Lemos. Espaços que foram fundamentais para a construção da identificação de boa parte da população com o ideal que a cidade pretendia ter e ser. Espaços que ainda hoje se fazem presentes na memória e no cotidiano da população dessa cidade (FIGUEIREDO e SARGES, 2014).

Entretanto, faz-se importante questionar se a ebulição de ideais e pensamentos sobre a modernidade provinda da Europa, em uma cidade que crescia e buscava o progresso – margeada por rios, entrecortada por igarapés² e localizada dentro da floresta – afastariam as tradições e memórias locais. O folclorista José Coutinho de Oliveira escreve em 1916 que “nossos cantos, nossas danças, nossas lendas, perseguidos pelos esbirros desrespeitosos de uma pseudo-civilização, internaram-se novamente nas florestas” (OLIVEIRA, 2007, p. 9). A apreensão de Oliveira expunha o desgosto por parte da população da cidade preferir inserir-se em uma cultura de costumes ditos civilizados, denegrindo e excluindo do cotidiano de Belém a sua história e seus mitos – os mitos e costumes do Velho Mundo tornavam-se a nova moda no país e as aspirações por trazer a Europa à Amazônia por vezes falavam mais alto. Sobre isto, Oliveira lamenta:

E as nossas lendas, essas lendas tão cheias de poesia e encanto, [...] foram ingratamente desprezadas pelo conto fantástico do oriente, pelas novelas envenenadas do Velho Mundo, como se nelas, nessas filhas da imaginação portentosa dos bardos Amazônicos, não encontrassem os nossos poetas inspiração para os seus cantos, não achassem os nossos pintores motivo para suas telas, não descobrissem os nossos músicos o tema de uma ópera grandiosa, esquecidos todos de que foram grandes os que se abeberaram nessa fonte maravilhosa das lendas (OLIVEIRA, 2007, p. 10).

O questionamento retorna: será que os mitos, lendas e tradições já

arraigadas em um lugar podem desaparecer a despeito de novos? Sabe-se que o temor de isto acontecer era real, mas quão forte podem ser os mitos? Quão forte as tradições podem ser para se manterem ao longo de gerações?

Este artigo tende a problematizar esses pontos, buscando nas posteriores décadas de 1950, 60 e 70 situações que demonstrem a insistência e permanência do imaginário sobre a floresta amazônica e sobre a cidade, pensando e explicando, então, a construção desse imaginário dentre moradores de bairros centrais de Belém (nobres) e de bairros periféricos (precários).

Imaginário, imaginar: mitos e lendas na experiência humana

Muito se discute a respeito do imaginário que abrange a sociedade, seja urbana, agrária, seja apenas um indivíduo, seja um pequeno grupo de pessoas, seja uma nação. Como parte das ideias humanas, o imaginário auxilia na formação da construção da visão de mundo de indivíduos. O imaginário, aqui, não será tratado como a ação de imaginar o fantástico e o desconhecido, mas como a ação de pensar, atuando na tradução de memórias, de práticas e de tradições – veementemente da história – e, conseqüentemente, aplicando os pensamentos, a imaginação, às experiências no mundo.

Dessa forma, ao estudar aspectos culturais de uma história local (de uma cidade, um estado, uma região) torna-se fundamental a consideração das tradições e dos mitos que percorram tempos e espaços e, certamente, do imaginário que percorre esses dois pontos. O mito compõe uma narrativa que se entende como verdadeira para alguém, as quais comportam diversas metamorfoses (por exemplo, a passagem de um estado humano a um estado animal ou vegetal e vice-versa, como veremos adiante). Ele nasce de algo profundo dentro do espírito humano e inflama-se pelo mistério da existência e o abismo da morte (MORIN, 2012).

No íntimo, ainda do que pode ser percebido enquanto mito, Yi-Fu Tuan (2013) o afirma como o contraste com a realidade, nascentes da ausência do conhecimento preciso. Sendo assim, não é uma crença que possa ser confirmada ou negada pela evidência de sentidos. Lembra ainda de mitos geográficos, hoje não muito mais comuns, uma vez que o conhecimento sobre a superfície terrestre cresceu astronômicamente nos últimos cem anos, mas que

estavam em voga no imaginário popular do século XIX, como o da passagem do Noroeste e a ideia de que o paraíso ficava na Etiópia (TUAN, 2013).

Uma vez que se percebe a dicotomia entre a crença em um mito e a realidade concreta, pode-se pensar o porquê da persistência na crença em algo que não pode ser comprovado cientificamente. Em seu estudo sobre a história do sobrenatural e do espiritismo³, Mary Del Priore percorre espaços europeus e brasileiros, mostrando o desejo humano de procurar e desejar conhecer e imaginar o que havia além da realidade conhecida, além do que é entendido como natural e lembra o século XIX, momento em que a técnica e a racionalidade estavam exasperando, tempos os quais as ciências desenvolviam novas formas de conquista, como a eletricidade e a química. Em contrapartida, grande parte das pessoas insistia em interpelar um universo sem tempo e sem espaço, mas fantástico e sobrenatural (DEL PRIORE, 2014). Em oposição estão as técnicas humanas, oriundas do progresso mental e científico, e o mito, proveniente de histórias, de tradições e, acima de tudo, da mentalidade. A mente se mostra produtora de objetos antagonistas, em teoria, convenientes num mesmo espaço, numa mesma época. Morin enfatiza que os mitos são fortes interventores de processos históricos, afirmação que pode ser exemplificada pela busca do Eldorado, o que levou exploradores à procuras exaustivas pela cidade encantada na América (MORIN, 2012).

Assim, apesar da breve discussão, espera-se que haja a compreensão da força do objeto mítico sobre o homem, sobre seus costumes, sobre seu espaço. Como, então, entender a persistência dos mitos locais em uma cidade?

Desde a ocupação portuguesa em terras brasileiras, o incessante contato entre diversos povos (brancos europeus, indígenas, negros africanos) transformou ideias, culinária, costumes, ou seja, a cultura. Cultura que foi modelada com variadas informações, histórias, memórias, o que torna difícil pensar a ideia de uma cultura original na região amazônica. Tantas histórias, memórias e experiências ajudaram na construção de perspectivas imaginárias sobre os mitos que circundam rios e florestas dessa região, pequeno vilarejos e cidades. Inserem-se aqui as lendas locais.

Primeiramente, é necessário esclarecer que, assim como uma cultura pode ser entendida como algo em constante adaptação, as lendas amazôni-

cas (boto, cobra grande, Iara, mãe d'água, vitória régia, cura dos tajás, dentre tantas), como um objeto perpassado oralmente, estão em transformação e não excluem de seu corpo elementos externos ao cotidiano indígena⁴.

Dessa forma, lembremos um momento do temor de Oliveira pela possível destituição das lendas locais. O que veremos a seguir evidencia que não só as lendas “sobreviveram”, como novas lendas surgiram dentro do imaginário popular e antigas lendas foram moldadas para que fossem adaptadas à novos espaços, recriadas a partir da experiência humana.

Novos espaços, novos investimentos

Após o fim do ciclo da borracha (1912), a capital do Pará viu seu apogeu econômico ruir e muitos dos investimentos, ideais, discursos e práticas do que se considerava moderno se afastar da realidade do seu espaço urbano. Para que a situação se contornasse e a economia voltasse a circular em benefício da população (ou parte dela), não estagnando a cidade, a criação de indústrias, a partir dos anos 1940 foi fundamental.

O bairro do Reduto, próximo ao porto de Belém, tornou-se um espaço para fábricas e indústrias, estas responsáveis em grande parte pela aceleração econômica e geração de empregos. Ainda na década de 1940, Belém contava com 666 estabelecimentos industriais, número que passaria para 1001 na década seguinte⁵. De acordo com Luciana Costa (2011),

[...] no período de 1950 e 1960, o setor primário da economia paraense começa a se modificar, a agricultura tradicional diversifica-se um pouco, sobretudo em razão da técnica introduzida por imigrantes japoneses. Acontece um crescimento no cultivo da pimenta do reino e da juta, e logo depois da malva cultivada (COSTA, 2011, p. 22)⁶.

Em 1954, as visões de um futuro para a indústria e comércio estavam melhores, com o surgimento da Superintendência do Plano de Valorização Econômica da Amazônia (SPVEA). Uma usina de produção de energia foi instalada em Belém, a construção civil viu seu setor se apurando e expandindo, o comércio varejista também encontra seu caminho com adequações à época e em 1957 há a criação da Universidade Federal do Pará. Nessa mesma época, iniciam-se construções rodoviárias pelo estado do Pará, como a rodovia Belém-Brasília, facilitando o contato deste estado e da sua

capital com o restante do país, especialmente com a máquina de progresso no Sudeste do Brasil⁷. Belém adequava-se ao mapa dos avanços no país e inseria-se novamente no crescimento monetário. Dessa forma, mais empregos surgiam a cada dia e a cidade necessitava de trabalhadores para ocupar essas vagas. O problema, talvez pouco pensado para o planejamento urbano, seria onde e como acomodar tanta gente que viria a morar na capital.

O grande crescimento da população esteve estritamente relacionado às políticas de integração da região Amazônica ao espaço da economia nacional e internacional (principalmente nas cidades de Belém e Manaus, esta última com a implantação da Zona Franca). Para isso, núcleos urbanos precisavam ser estrategicamente selecionados para a inserção e aplicação de projetos hídricos, minerais, pecuários ou agro-industriais – o governo nacional precisava criar bases infra-estruturais, afim de que a exploração dos recursos naturais daquele local ocorresse. As zonas urbanas eram o núcleo do processo de reordenação social e econômica da Amazônica (CHAVES, MIRANDA & MITSCHHEIN, 2006). Para Thomas Mitschein (2006), o grande crescimento populacional que a região vivenciou, nos anos 1950 ainda de forma tímida, mas com contornos dramáticos nas décadas subsequentes, foi resultado de uma política de modernização que não soube proporcionar à sociedade a modernidade. Sendo assim,

[...] vale lembrar que os idealizadores dessa política chamaram o seu Modelo Amazônico de Desenvolvimento de Modelo de Crescimento Desequilibrado Corrigido [...]. *Desequilibrado* porque favorecia setores (mineral, madeireiro, pecuário, pesqueiro empresarial, eletrotérmico e eletrolítico), dos quais se esperava vantagens comparativas no âmbito nacional e internacional. *Corrigido* porque previa intervenções por parte do Estado para superar as distorções infra-estruturais e sócio-econômicas, que o incentivo aos setores selecionados trazia, necessariamente, em seu bojo (CHAVES, MIRANDA & MITSCHHEIN, 2006, p. 17).

Contudo, o que foi visto na prática foi a total falta de compromisso com este planejamento, devido a crise da dívida externa, os encargos da crescente dívida interna, a redefinição das funções e do tamanho do Estado, aprofundamento da disputa pelos recursos públicos disponíveis. Com o poder de intervenção do Estado debilitados, houve um grande desequilíbrio sócio-econômico que, além de promover um êxodo rural, despertou um tumultuado e desalinhado crescimento das zonas urbanas na região Norte. No Pará, o crescimento demográfico de Belém ocorreu, principalmente, pelo êxodo de regiões do interior do próprio estado, como a região Bragan-

tina, o Baixo Tocantins, os campos do Marajó e a região do Salgado (CHAVES, MIRANDA & MITSCHHEIN, 2006). Entre as décadas de 1960 e 1980, a população de Belém cresceu mais de 130%, estando perto de alcançar um milhão de habitantes⁸.

Na crônica *Éden tropical*, publicada em 1968, Côrrea Pinto escreveu:

Recuso-me a acreditar nas modificações ocasionadas pelos anos. Quero propositalmente ludibriar-me com a doce mentira de que os relógios pararam, em obediência à minha saudade. Não ligo às transformações impostas pelo progresso, e que talvez hajam desfigurado certos ângulos da paisagem belemense. Não cogito do surto dinâmico que lá está a sacudir a pensativa metrópole de outras eras. Não me apercebo se Belém deixou de ser a alegre e fraternal comunhão humana do meu tempo, para se tornar uma tumultuosa e banal concentração desumana (Pinto, 1986, p. 21).

Onde a maior parte dessa massa popular fixou moradia? Nas áreas periféricas da cidade, predominantemente às margens do rio Guamá, ao sul da cidade, e da baía do Guajará, ao oeste e norte de Belém⁹. Os municípios de onde estas pessoas vinham possuíam uma vida urbana mínima, ainda nos anos 1950 e 1960 (CHAVES, 2011). Apesar de muitos deles terem sido fundados nos séculos XVI e XVII pelos portugueses, como Bragança, Vigia, Soure e Cametá, a maior parte da população estava nas áreas rurais desses lugares, vivendo às margens ou próximos dos rios e igarapés que serpenteiam a região Amazônica, e muito próximas às florestas (CASTRO, 2008). Essa era, em grande parte, a ambientação paisagística que estava presente na memória e no imaginário dessas pessoas e isso é levado, junto com elas, para o novo espaço de moradia, na capital (SILVA & SARRAF-PACHECO, 2015).

Os bairros do Guamá, Condor e Jurunas emergem como os símbolos periféricos da área sul da capital e, até os anos 1970 não era difícil encontrar áreas de bosques e igarapés. A maioria das ruas que compõem esses bairros, não eram, à época, nada mais que pequenos braços do rio Guamá. Muitas casas ali construídas estavam sobre terrenos alagados, o que necessitou o uso das palafitas para a construção de algumas moradias. O ambiente paisagístico, neste momento, não era muito distinto do que grande parte dessas pessoas estava acostumada, no interior do estado.

Assim, o modo de olhar desses habitantes implica no que eles já conheciam e já carregavam na memória e o novo lugar – essencialmente sua paisagem – estava na mente do homem, suas relações com este, no íntimo (SCHAMA, 1996). A

imaginação humana, quando relacionada às emoções de uma memória, cria situações de experiências sobre o ambiente no qual o homem está fixado. Enquanto que o ato de imaginar pertence ao interior do indivíduo, a experiência situa-se no mundo exterior e constitui-se de pensamento e sentimento (TUAN, 2013).

Para a análise da ideia aqui presente, serão utilizadas quatro histórias publicadas em duas coletâneas sobre lendas e assombrações em Belém: o livro *Belém conta...* (1995), organizado e coordenado pelos professores do Centro de Letras e Artes da Universidade Federal do Pará, Maria do Socorro Simões e Christophe Golder; e *Visagens e Assombrações de Belém* (2000), publicação da monografia do antropólogo paraense Walcyr Monteiro. Ambas as obras são formadas por histórias coletadas a partir de entrevistas com moradores de bairros periféricos da cidade de Belém que relatam terem vivido experiências sobrenaturais ou conhecerem alguém próximo que afirma ter experimentado as ações dos relatos. A intenção da análise e exposição dos seguintes relatos está longe de afirmar a veracidade ou desacreditar as narrativas, mas perceber o quanto a crença e a difusão delas tornaram-se importantes para a composição de memórias e experiências.

Começamos por um dos mais conhecidos personagens do folclore amazônico, a Matinta Perêra. Típica dos interiores da região norte do país, a ideia da Matinta Perêra¹⁰ consiste em uma mulher velha que possui a capacidade (uns entendem como poder, outros como uma maldição) de se transformar em pássaro¹¹, uma rasga-mortalha, que sobrevoa à noite algumas casas próximas à floresta, assobiando sem parar, parando apenas quando algum morador da casa lhe promete tabaco. Na manhã seguinte, à porta da casa aparece uma mulher velha pedindo o tabaco prometido. Caso a promessa não seja cumprida, os moradores da casa podem ser acometidos por uma febre intensa e, em casos extremos, morrerem. Monteiro descreveu que, uma vez que tal personagem seja algo característico do interior, causou-o espanto quando ouviu histórias envolvendo-a, em Belém.

Oscarina Vasoncelose Mariade Belém narraram esta história a Monteiro, ocorrida no bairro do Acampamento¹², na década de sessenta. A área era caracterizada pela baixa infra-estrutura e urbanização, cortada por igarapés, com alguns locais e terrenos com florestas, tudo às margens da baía do Guajará. Segundo as locutoras,

[...] no Acampamento, próximo à rua Nova, os moradores andavam inquietos. Todas as noites após às 12 badaladas, ouviam-se assobios estridentes de

Matinta-Perêra. Procuravam por toda parte e nada do incômodo pássaro. Os assobios continuaram até o dia em que certa dona de casa mais o proprietário da sede onde funciona o clube Estrela Negra [...] consultaram pessoa entendida e, certa noite, após os preparativos exigidos, de posse de uma tesoura virgem, uma chave e um terço, colocaram o plano [de capturar a Matinta] em prática (MONTEIRO, 2000, p. 30).

Tradicionalmente, para a captura de uma Matinta Perêra é preciso que uma tesoura virgem seja aberta à meia noite e enterrada no quintal da casa que está sendo agourada pelo pássaro. No meio da tesoura, enterra-se uma chave e, por cima das duas, coloca-se um terço. Os moradores devem então fazer um círculo de orações e esperar até a manhã seguinte dentro de suas casas. Foi o que se procedeu.

Por volta das quatro horas da manhã, ouviu-se um ronco de porco se debatendo no quintal. As informantes relataram que a maldição que uma Matinta carrega permite-a se transformar no animal que desejar. Cerca de duas horas depois, os moradores dirigiram-se ao quintal e lá encontraram, suja e imóvel, uma mulher. Seguraram-na e retiraram os objetos do chão. Em seguida chamaram a guarda civil que a levou para um posto policial. A acusação: “ela ‘vira’ Matinta-Perera”. A mulher negou as acusações e disse que estava apenas perdida. Como o ato de “virar” Matinta não representava nenhum crime, ela foi solta (*ibidem*, p. 31).

O próximo caso foi narrado por Cristiane e Vânia à pesquisadora Simone Brito e publicado na obra *Belém conta....*. Aqui não há a informação de qual bairro ocorreu o fato, apenas de que se tratava de um local na periferia da cidade, nos anos setenta. As garotas informaram que perto da casa delas existiu uma senhora que era “suspeita de ser Matinta Perêra [...] só anda descabelada, toda suja se coçando. [...] Ela vai lá pro quintal e fica gritando lá. [...] pede cigarro de noite; pede café; vai pras tabernas pedir cigarro”. As duas mulheres ainda relatam as características da suposta Matinta. Era velha, suja e fedida muito a tabaco, tinha três filhos e não dormia de noite. Sempre ia para o quintal e gritava ou gargalhava.

Quando questionadas sobre o motivo de acharem que tal mulher era Matinta, as garotas informaram que todos estranhavam o fato de ela não dormir às noites e a insistência em pedir cigarro e tabaco pelas redondezas, bem como já ouvirem sons estranhos vindos do quintal da mulher e, ao irem conferir do que se tratava, não encontraram ninguém no local. Por fim, aparentemente, a gargalhada da mulher se assemelhava muito com o assobio da rasga-mortalha.

Identifica-se, então, duas formas de captação da lenda da Matinta Perêra e sua difusão no ambiente urbano de Belém. A primeira, ocorrida no bairro do Acampamento, contém toda uma ambientação espacial favorável a adaptação da lenda – a paisagem daquele bairro remetia em grande medida aos aspectos visuais de pequenas cidades do interior do Pará, terrenos vazios e cobertos de árvores, estreitos igarapés que competiam com as ruas não asfaltadas e saneadas, um grande rio (no caso, a baía do Guajará) banhando o bairro, moradias de madeira e pequenas. Nos anos sessenta, o Modelo de Desenvolvimento Amazônico estava em sua fase inicial e as migrações ainda começavam a tomar conta da cidade. Os bairros periféricos, como o do Acampamento, ainda não eram muito habitados. A relação visual que os moradores dali podiam fazer com a construção de uma paisagem, lembrava, na memória, a ideia do que era uma vila ou uma pequena cidade ribeirinha, do interior. Assim como os aspectos ambientais remetiam a lembranças de outro espaço, a visualização paisagística contempla uma gama de significados e mitos complexos (SCHAMA, 1996). A rasga-mortalha, também conhecida como Suindara, é uma espécie de coruja comum no Brasil e costuma viver nas torres de igrejas¹³. Sendo identificado como o pássaro no qual as Matintas se transformam, não causa espanto que, ao ouvir o assobio da rasga-mortalha, os moradores o tenha associado a lenda da Matinta Perêra.

No segundo caso, observa-se que o reconhecimento da mulher como uma Matinta se foi produzido por características e ações pessoais, as quais são características do personagem folclórico – “velha”, “suja”, “descabelada”; não dorme à noite, grita e gargalha no quintal e desaparece, pede repetidamente por tabaco. Dessa forma, a imagem física e as atitudes desta mulher trouxeram aos moradores à memória daquele personagem mítico. Nesta história, não houve referência acerca do assobio da coruja agourenta sobre o bairro, mas as duas informantes acharam importante expor que a gargalhada da mulher se assemelhava ao assobio do pássaro. Logo, pelo o retrato que se fazia daquela mulher muito se assemelhar da imagem existente da “velha que procura fumo” nas vilas e pequenas cidades na região Norte, também não causa assombro que uma relação deste nível tenha sido feita, afinal o que se compreende destas situações é que o elemento visual e

a construção mental que se faz dele implica símbolos na memória, que, por sua vez, ministra esse símbolos e seus significados em diferentes espaços, caso haja alguma semelhança com os ambientes experienciados e/ou comparados.

Mais uma vez ressalta-se aqui a não pretensão em desacreditar as histórias narradas, mas oferecer uma interpretação e abordagem sobre a forma pela qual elas tornam-se presentes em um ambiente urbano.

Outra narrativa que se optou por trazer neste artigo diz respeito a um personagem muito conhecido no folclore europeu dos séculos XVIII e XIX, mas tomado pelo ar e pelos traços das crenças amazônicas: o lobisomem. Conta Monteiro, que a metamorfose entre homens e animais distinguia-se pelo sexo do agente envolvido. Caso fosse uma mulher, era Matinta Perêra, caso fosse um homem, lobisomem. Na região amazônica, não apenas em lobo um lobisomem se transformava, mas também em outros animais que o desejasse, preferencialmente em porco. Dentre as explicações sobre a possibilidade de tais metamorfoses,

tais seres estão pagando por faltas cometidas, daí as terríveis transformações! Mas também pode ser outra coisa... pode ser um pacto com o Demônio que é geralmente feito por homens – que entregam, sexta-feira, numa encruzilhada, seu sangue (e com o sangue, sua alma) ao Diabo – para ter sorte no jogo ou felicidade no amor... Isto explicaria a sorte extraordinária de certos indivíduos no carteadado ou ainda o fato de homens feios, horrorosos mesmo, serem amados tão apaixonadamente por lindas donzelas... (MONTEIRO, 2000, p. 34).

Note-se que o elemento da entrega do sangue, ou outra oferenda a alguma entidade, numa encruzilhada era algo notadamente situado próximos a sítios ou fazendas, em áreas afastadas da cidade. Em Belém, nos anos cinquenta, o bairro da Pedreira, popularmente conhecido como o bairro do samba e do amor¹⁴, ainda guardava áreas de pântano e matas, uma vez que era uma região de baixada e não tão habitada, ainda longe do centro (um espaço muito distinto do estatuto de bairro nobre que veio a adquirir a partir dos anos dois mil) e, para os que lá residiam, a diversão poderia ser garantida com campeonatos de dominó nos pequenos clubes que existiam, ou com uma boa conversa nas portas das residências, tão comum em todos os bairros da cidade. O informante dessa história a Monteiro foi Guapindaia Assu de Moraes.

Conta ele que em uma determinada noite de sexta-feira de lua cheia, vários amigos estavam reunidos em um desses clubes se preparando para um campe-

onato que haveria no mês de agosto. Dentre os participantes estava um estranho homem com uma mancha na testa. Guapindaia o descreveu como alguém que,

gostava de andar sozinho pelas ruas do bairro da Pedreira, principalmente em noite de lua cheia. Era meio esquisito, o rapaz: cor parda, estatura média, cabelos castanho-escuros, crespos, falava baixo e nunca encarava as pessoas. O que o tornava mais esquisito, porém, era uma mancha preta que tinha na testa e que, começando na raiz dos cabelos, estendia-se até chegar aos olhos, e também os dentes irregulares numa grande boca de grossos lábios (MONTEIRO, 2000, p. 34).

Naquela noite, durante as partidas, um dos sócios do clube, um homem chamado Termelindo, pediu que os jogos fossem apressados, pois já se aproximava da meia-noite e na manhã seguinte ele iria precisar acordar cedo para trabalhar. O pedido foi atendido e a última rodada fora anunciada. O estranho homem de mancha na testa mostrou-se muito nervoso ao passar do tempo, sempre consultando o relógio. Quando chegou sua vez de jogar, ele se debruçou sobre a mesa e permaneceu parado lá por um tempo. Todos o encararam apreensivamente, esperando a jogada que nunca veio. O homem começou a se tremer, da sua boca saía espuma e, então, sua aparência física passou a tomar outra forma. Sons estridentes de dor vinham dele, e segundo Guapindaia, eram sons que se assemelhavam ao ronco de um porco. “Numa espécie de ‘salve-se quem puder’, os frequentadores abandonavam apressadamente a sede do clube, derrubando mesas e cadeiras, saltando janelas, espremendo-se pela porta”. Consequentemente, ninguém ficou no local para saber o resultado da transformação do estranho homem. Mas sabe-se que muitas pessoas ouviram o som de um porco “em disparada” para as áreas de mata do bairro (MONTEIRO, 2000, p. 33-36).

A última narrativa descreve o contato de duas garotas com uma entidade protetora de elementos florestais. No caso, de um igarapé. Dentre os tantos seres encantados que se tem crença em existir na Amazônia, uma das mais respeitadas é a figura da mãe d’água, uma entidade cujo dever é o de cuidar e proteger os rios e igarapés da região. A informante deste conto foi dona Anita, que relatou uma experiência pessoal ocorrida no igarapé do São Joaquim.

Ainda no início dos anos cinquenta, “o bairro do Souza e áreas adjacentes eram considerados locais campestres e que serviam a pic-nics e fins

de semana “fora da cidade” (MONTEIRO, 2000, p. 50). A maior parte da área desse bairro era coberta por floresta e os igarapés que ali existiam possuíam águas limpas e próprias para a diversão e relaxamento dos moradores da cidade. A Avenida Tito Franco¹⁵ era a única a cortar o Souza. Em uma das poucas casas que havia nesse lugar, morava dona Anita, ainda adolescente. Ela relatou que era costume sua mãe e tias irem “bater” roupas e redes nas águas do igarapé do São Joaquim, sendo acompanhadas pelas filhas. Em uma dessas idas, Anita, sua irmã e outras colegas, entraram no mato à procura de flores silvestres e, quando voltaram, questionadas por suas mães onde estavam, resolveram “brincar” com a figura da mãe d’água. Contaram que haviam ido buscar flores para a mãe d’água daquele igarapé, pois era aniversário dela.

Dito isso, Anita jogou as flores na água e junto com sua irmã acompanharam o caminho das flores na correnteza fraca, pelo leito do igarapé. Contudo, a informante conta que caiu em um trecho no qual a correnteza era forte e apenas conseguiu sair após se debater muito. As mulheres mais velhas, preocupadas ordenaram que as garotas se afastassem e voltassem para casa. Porém, ao se levantar, Anita ficou em choque. Viu aproximando-se dela uma cobra coral estranha, com uma cruz na testa. Ao mesmo tempo, sua irmã gritou ao ser atingida por uma folha seca caída de alguma árvore. Apesar da leveza do objeto, a garota afirmou veementemente que sentiu uma forte pancada na cabeça. Todos voltaram para casa e as mulheres mais velhas inferiram que não se deveria brincar com os seres encantados.

Nos dias seguintes, as duas garotas mal conseguiam sair da cama. Ambas acometidas de uma forte febre que não passava de nenhuma forma. Após irem a uma “experiente” – Monteiro escreve que essa é uma “designação usada no interior da Amazônia e subúrbios de Belém para mulher que, não sendo médica ou enfermeira, serve de parteira ou ainda a que sabe lidar com [seres] encantados e encantamentos” – as meninas finalmente foram curadas e o veredito foi dado. Elas tinham ficado assombradas pela mãe d’água do igarapé do São Joaquim (MONTEIRO, 2000, p. 50-54).

Conclusão

Lendo essas histórias, percebe-se o quanto o elemento natural, am-

biental, é idealizado. As árvores e o ambiente formado por seu conjunto, os igarapés que, estreitos, adentram pelas matas e os sons que são ouvidos dessas áreas criam uma espécie de curiosidade, fascínio e, certamente, uma mítica sobre aquele espaço. As pequenas cidades dos várias interiores do estado do Pará, e da Amazônia de modo geral, durante grande parte do século XX, estavam inseridas numa realidade espacial caracterizada por essa proximidade íntima à floresta e seus componentes. O desconhecido evoca mistérios e este, insere na mente e na experiência pessoal e/ou coletiva um ideal que permite a introdução das lendas, das crenças e das tradições, no cotidiano.

Por conseguinte, as áreas afastadas do centro, ditas como periféricas, por serem, durante anos, caracterizadas por todos esses elementos naturais, permitiram aos moradores dessas localidades, a evocação dos mitos amazônicos – tão relacionados aos animais e seres encantados que protegem as florestas – no seu cotidiano. Seja sobre famílias que ali residiam por gerações, seja sobre os novos habitantes vindos do interior do estado, que ali encontravam características ambientais semelhantes às quais estavam habituados anteriormente, seja em outros povos, provenientes de outros espaços diferentes que ali encontraram um novo modo de viver, concomitante com as crenças, lendas e mitos e passam a experimentar novos costumes sobre suas vidas. Evidencia-se, assim, a produção da cultura, a partir de adaptações de tantos elementos.

Torna-se certo, também, esclarecer que a ideia das crenças e a relação com o mito não foi, nem é, assim como não poderia ser, uma visão unânime sobre os moradores dessas áreas. Isso se dá, justamente pela pluralidade cultural das pessoas quem formam uma cidade. Entretanto, para o que se inserem no imaginário da mítica amazônica, as lendas proporcionam uma ávida fonte de estudos culturais e do saber para o historiador e o cientista social, de um modo geral.

Escolho, enfim, concluir esta análise com o dito do folclorista J. Paes da Cunha, de que “um país que não tenha lendas ou tradições [...] é um país sem vida, sem poesia e sem essa lei universal e natural que se chama amor; é conseqüentemente um país imaginário, que não tem existência” (CUNHA, apud COUTINHO, 2007, p. 10) para que se possa refletir sobre a forma pelos quais os mitos e lendas modelam e agem sobre os modos de pensar, crer e agir.

Notas

1. Da mesma forma, no Amazonas a expansão da produção da borracha brasileira alargou demasiadamente a economia local, tornando possível a difusão e aplicação de ideais higienistas e arquitetônicos, para transformar Manaus em uma cidade aos moldes de Paris – a capital do Amazonas passou a ser conhecida, então, como a Paris dos Trópicos. Para uma discussão maior em relação a expansão da econômica amazônica a partir da extração do látex e produção da borracha, ver: Weinstein (1993).
2. De acordo com Eduardo Navarro (1999), a palavra surgiu da junção entre os termos *ygara* (canoa) e *apé* (caminho), os *igarapés* nada mais são que braços de rios, caracterizados por suas águas escuras e largura estreita. Normalmente estão cobertos dos raios de sol pela copa das árvores que se encontram suas margens, atribuindo-lhos uma água mais gelada.
3. No livro *Do outro lado: a história do sobrenatural e do espiritismo*, Mary Del Priore e preendeu uma pesquisa focada no século XIX e coloca em cheque a ideia de racionalidade e técnicas humanas, ou seja, do progresso humano, científico, com o desejo do homem de buscar o sobrenatural. O ideal de progresso e cientificidade que, em teoria, anularia a existência de mitos, convive com essa crença. “Apesar do burburinho e do crescimento da vida urbana, a imaginação de nossos antepassados parecia envolta por criaturas de um mundo subterrâneo”. (PRIORE, 2014, p. 21).
4. Para se entender mais sobre a influência europeia e negra/africana nas lendas amazônicas, ver: Oliveira, Silva, Rebelo e Corrêa (2007).
5. Censo Industrial: Estado do Pará – IBGE: 1940 A 1980. Disponível em: <<http://www.oparanasondasdoradio.ufpa.br/con50industria.htm>>. Acessado em 27/09/2015.
6. A Profa. Dra. Luciana Amaral Costa, da Faculdade de Comunicação da UFPA, organizou uma pesquisa, junto com cerca de 30 alunos do curso de Comunicação, sobre a história do rádio paraense, o que resultou na publicação do livro *O Pará nas ondas do rádio*. Estudos sócio-econômicos e culturais dos anos 1950 foram realizados para a contextualização das entrevistas e conteúdos dos programas locais no rádio e encontram-se publicados no site do projeto. Ver mais em: <<http://www.oparanasondasdoradio.ufpa.br/con50economia.htm>>.
7. Disponível em: <<http://www.oparanasondasdoradio.ufpa.br/con50economia.htm>>. Acessado em 27/09/2015.
8. Tabela 1.6 - População nos Censos Demográficos, segundo os municípios das capitais - 1872/2010. Disponível em: <http://www.censo2010.ibge.gov.br/sinopse/index.php?dados=6&uf=00>>. Acessado em 27/09/2015.
9. Neste mesmo período, os centros urbanos dos municípios de Ananindeua e Marituba (hoje pertencentes à região metropolitana de Belém) também começam a crescer de forma rápida e desordenada. Contudo, tais centros não estão presentes ao longo do texto, pelo fato de que o foco desta pesquisa estar alusivo apenas a cidade de Belém.
10. Também grafado como *Mat-taperê* (MONTEIRO, 2000, p. 29).
11. Frequentemente, quando se fala em *MatintaPerêra*, a transformação em animal se dá na forma de um pássaro. Porém, em alguns casos de metamorfose de pessoas em outros tipos de animais, como porco e até mesmo cavalos, diz-se que também são *Matintas*.
12. O bairro do Acampamento situava-se na área leste da cidade, zona administrativa da Sacramenta. Desde a divulgação da lista de bairros do plano de divisão político-administrativo de Belém, conforme a Lei nº 7.806, de 1996, o referido bairro foi incluso ao bairro do Barreiro. Ver Plano Diretor de Belém: <http://www.belem.pa.gov.br/planodiretor/Mapas/1a_Mapas-Bairros>.

pdf>. Acessado em 17 out. de 2015.

13. Ver: <<http://www.faunacps.cnpm.embrapa.br/ave/suindara.html>>. Acessado em 17 out. 2015.

14. A cronista Eneida de Moraes (1904-1971) muito escreveu em suas publicações sobre o bairro da Pedreira, denotando essa expressão ao mesmo, que se tornou característica do bairro. Para um maior conhecimento sobre a obra e as impressões da infância de Eneida de Moraes em Belém, ver Moraes (1989).

15. Atual Avenida Almirante Barroso, principal via de acesso do Entroncamento (entrada da cidade) ao centro de Belém.

Referências

CASTRO, Edna. Urbanização, pluralidade e singularidade das cidades amazônicas. In: CASTRO, Edna. (Org.) *Cidades na floresta*. São Paulo: Annablume, 2008. p. 11-40.

CHAVES, J.; MIRANDA, H.; MITSCHHEIN, T. *Crescimento, pobreza e violência em Belém*. 2 ed. Belém: NUMA/UFPA; POEMA, 2006.

CHAVES, Túlio A. P. de V. Isto não é para nós? Um estudo sobre a verticalização e modernidade em Belém entre as décadas de 1940 e 1950. 2011. 164 f. Dissertação (Mestrado em História Social da Amazônia) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal do Pará, Belém. 2011.

COSTA, Luciana M. (Coord.). *O Pará nas ondas do Rádio*. Belém: Universidade Federal do Pará, 2011. Disponível em: <<http://oparanasondasdoradio.ufpa.br/livro.htm>>.

FIGUEIREDO, Aldrin M. de; SARGES, Maria de N.(org.). *Antônio Lemos: Revisitando o mito (1913-2013)*. Belém: Açaí, 2014.

MIDGLEY, Mary. *A presença dos mitos em nossas vidas*. São Paulo: Editora Unesp, 2014.

MITSCHHEIN, T.; CHAVES, J.; MIRANDA, H. *Crescimento, pobreza e violência em Belém*. Belém: NUMA/UFPA; POEMA, 2006.

MONTEIRO, Walcyr. *Visagens e Assombrações de Belém*. Belém: Banco da Amazônia S. A., 2000.

- MORAES, Eneida de. *Aruanda/Banho de Cheiro*. Belém: SECULT; FCPTN, 1989 (Lendo o Pará 2).
- MORIN, Edgar. *O método 5: a humanidade da humanidade*. Porto Alegre: Sulina, 2012.
- NAVARRO, E. A. *Método moderno de tupi antigo: a língua do Brasil dos primeiros séculos*. 2 ed. São Paulo: Vozes, 1999.
- OLIVEIRA, José C. de. SILVA, A, REBELO, M, CORRÊA, P. (Orgs). *Imaginário Amazônico*. Belém: Paka-Tatu, 2007.
- OLIVEIRA, José C. *Imaginário Amazônico*. Belém: Paka-Tatu, 2007.
- PINTO, Corrêa. *Belém: imagens e evocações*. Rio de Janeiro: Do autor, 1968.
- PRIORE, Mary Del. *Do outro lado: a história do sobrenatural e do espiritismo*. São Paulo: Planeta, 2014.
- SARGES, Maria de N. *Belém: riquezas produzindo a belle-époque (1870-1912)*. 3. ed. Belém: Paka-Tatu, 2010.
- SCHAMA, Simon. *Paisagem e Memória*. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.
- SILVA, Jerônimo Silva e; SARRAF-PACHECO, Agenor. Diásporas de encantados na Amazônia Bragantina. *Horizontes Antropológicos* (Online), v. 43, p. 129-156, 2015.
- SIMÕES, Maria do Socorro; GOLDBERGER, Christophe. *Belém conta....* Belém: Cejup; Universidade Federal do Pará, 1995.
- TUAN, Yi-Fu. *Espaço e lugar: a perspectiva da experiência*. Londrina: Eduel, 2013.
- WEINSTEIN, Bárbara. *A Borracha na Amazônia: expansão e decadência*. São Paulo: Edusp, 1993.

Spatial perspectives on the construction of the imaginary of fear in Belém do Pará's peripheral neighborhoods (1950-1980)

Abstract

In Belém do Pará, from the 1950s, with the Economic Recovery Plan of the Amazon and in the next decade with the Growth Model Unbalanced Fixed, there was an intense migratory flow from the countryside of the state and thus a large occupation of peripheral areas of the city. In the field of mentalities, it is clear that Belém residents were still harnessed to the legends and myths. This article aims to analyze the construction of these legends in socially marginalized region of Belém, seeking foundations and assumptions inside memory and landscape, understanding how the residents of these areas in question experience the local spatiality and design this in their minds. For this, we use primary sources like interviews with residents of this socially marginalized region e newspapers from A Província do Pará and Diário do Pará, and secondary, such as the literature produced in the period (chronicles, legends books) and studies on Amazonian folklore.

Keywords: Memories; Anthropology and History; Spatialities; Legends; Imaginary.

Recebido em 26 de abril de 2017.

Aceito em 17 de julho de 2017.